

Ainda é preciso ser cético*

Oswaldo Porchat Pereira**

Resumo: Na sua primeira parte e utilizando a linguagem filosófica contemporânea, este artigo delinea as linhas básicas da filosofia cética, de acordo com o pirronismo antigo, tanto em sua face negativa, dialética e antidogmática, como em sua face positiva, enquanto filosofia da vida prática cotidiana. A segunda parte é consagrada a enfatizar a proximidade estreita do pirronismo com relação às tendências contemporâneas do pensamento filosófico e a tornar manifesto o interesse permanente de relembrar-se o ceticismo grego.

Palavras-chave: dogmatismo – fenômeno – dialética negativa – pirronismo – vida cotidiana

Ainda é preciso ser cético. Ainda é preciso falar de ceticismo. Por quê?

Permita-se-me relembrar o que entendo por cético. Desde já advirto que é o cético pirrônico que tenho em mente. Assim, não entrarei na controvérsia sobre o ceticismo, ou não-ceticismo, da Nova Academia, a de Arcé-silas e Carnéades. Tampouco me ocuparei do ceticismo moderno. O pirronismo dele difere substancialmente, muitos estudos recentes têm-se encarregado de mostrá-lo. O ceticismo moderno está centrado na subjetividade, tal não é certamente o caso com o pirronismo. O primeiro exhibe, por isso mesmo, penso eu, uma grande vulnerabilidade, que não afeta o segundo. Vou desconsiderar também as inúmeras e caricatas figurações do filósofo cético

* Conferência inaugural do IX Encontro Nacional de Filosofia da Anpof, realizado em Poços de Caldas, MG, de 3 a 8 de outubro de 2000.

** Professor aposentado de Filosofia da USP e da Unicamp.

e do ceticismo inventadas pela filosofia moderna e contemporânea ao longo de sua história: cada filósofo fabrica seu inimigo cético particular e atribui-lhe esdrúxulas doutrinas, *ad hoc* forjadas de modo que melhor sejam refutadas. Pouco parece importar a quem assim procede que ao suposto adversário cético e à doutrina que alegadamente professa absolutamente nada, ou quase nada, corresponda no tempo presente ou no tempo da história.

Ficarei, pois, com o cético pirrônico e me permitirei, mesmo, proceder algo paroquialmente neste texto, usando como sinônimos os termos “ceticismo” e “pirronismo”. Aliás, defino-me como cético pirrônico. Embora talvez seja melhor dizer-me neopirrônico, já que, guardando embora grande fidelidade às concepções básicas originárias do pirronismo, me permito repensá-lo à luz da problemática filosófica moderna e contemporânea, eventualmente enriquecê-lo e até mesmo corrigi-lo, onde quer que isso me apareça necessário. É uma das maneiras de fazer a história da filosofia servir à filosofia.

Mas voltemos ao filósofo cético e tentemos dele dar um sucinto perfil. O ceticismo pirrônico tem duas faces complementares, uma exibindo seu potencial dialético e negativo; a outra, a positiva, propõe uma filosofia prática. Sua primeira face lida com a razão teórica e o dogma, a segunda lida com o mundo das aparências e a vida comum. Ambas as faces estão intimamente interligadas, a perspectiva prática que a segunda assume de algum modo decorre do percurso aporético que a primeira perfaz.

1. Começemos com a primeira. Cabe supor que o filósofo cético jamais se propôs a ser cético. Provavelmente ele se pôs a filosofar como muitos outros homens o fizeram (cf. Sexto, H.P. I, 12)⁽¹⁾, preocupado com conhecer, explicar, interpretar o Mundo de sua vida cotidiana. Ansiava pela Verdade, perseguia Certezas, buscava Princípios, Fundamentos. Dominava-o o fascínio pelo Absoluto. Nessa busca filosófica, eventualmente foi tentado por algumas doutrinas, deu possivelmente sua adesão a uma ou outra dentre elas, terá acaso contribuído com idéias originais. Mas seu amor ao rigor e ao espírito crítico, rigor e espírito crítico que as filosofias desde sempre proclamaram cultivar, conduz ao fracasso seu empreendimento filosófico original. Não encontra o que buscava. Não obstante trabalhosa e demorada

investigação, o Absoluto lhe é sempre inacessível. Ele é levado a questionar e a descrever de todas as filosofias que se apresentam como portadoras da Verdade, que pretendem dizer as coisas *como elas, em si mesmas, são*. É levado a desconfiar de todo discurso *tético*, de todo discurso que quer pôr e instaurar o Real. Verdades, Certezas, Fundamentos, Princípios, ele não mais vê como seria possível encontrá-los. Não desiste, por causa disso, da investigação filosófica, o processo de sua investigação permanece ainda aberto. Por isso, chama-se a si mesmo de cético, isto é, de investigador ou pesquisador, no sentido grego do termo (cf. H.P. I, 7).

Ele não se julga capaz de demonstrar a falsidade ou falta de sentido das doutrinas filosóficas que investigou. De fato, ele se reconhece incapaz de fazê-lo, mas, por outro lado, não tem por que nem como aceitá-las. E igualmente lhe parece que, se os partidários dessas doutrinas que ele foi levado a pôr sob suspeição as aceitam, é porque não se demoraram, como ele, a examinar as credenciais de aceitabilidade que elas pensam poder oferecer; é porque, por mil e variadas razões, esses filósofos se precipitaram temerariamente em seus juízos filosóficos, não levando até as últimas conseqüências as exigências de uma racionalidade crítica. O cético denuncia, então, a temeridade e precipitação (*propéteia*) de tais filósofos (cf. H.P. I, 20; II, 17, 21 etc.), chama-os, como se sabe, de dogmáticos. Não porque eles não argumentem ou não ofereçam pretensos fundamentos para suas doutrinas – em verdade, eles o fazem quase sempre –, mas precisamente por causa dessa *propéteia* que os caracteriza, levando-os a dar injustificável assentimento às teses que avançam, a seus *dógmata*. O cético julga poder manifestar, com uma forte argumentação contrária, a vulnerabilidade radical dos alegados fundamentos e da lógica interna dessas filosofias. Ele mostra que não pode nem tem como acolhê-las, ao mesmo tempo que reconhece não ter como definitivamente refutá-las. O dogmatismo negativo não o tenta. A controvérsia sobre critérios de realidade ou verdade, tanto quanto todas as outras controvérsias em que se enreda a filosofia especulativa, se lhe apresenta como indecível (cf. H.P. II, 18-20).

O pirronismo antigo usou a parte maior de sua energia na crítica ao pensamento dogmático. Utilizou os ensinamentos da Sofística, a postura du-

bitativa dos pré-socráticos com relação aos dados dos sentidos, o método socrático de pôr à prova as verdades aceitas, os recursos todos da dialética investigativa de Aristóteles, a argumentação contraditória da Nova Academia, a doutrina estoica da suspensão de juízo pelo Sábio sempre que as circunstâncias não lhe ofereciam ocasião para uma autêntica ciência, enfim todos os argumentos e métodos que a filosofia anterior e contemporânea punha à sua disposição, que ele ampliou, organizou e enriqueceu, para construir um formidável arsenal de guerra contra os sistemas filosóficos. Onze livros de Sexto Empírico, em verdade a maior parte do que nos restou de sua obra, atestam a extensão e minúcia das arremetidas cétricas contra o dogmatismo. Contra o dogmatismo epistemológico, contra as ontologias metafísicas, contra as pretensões absolutistas das ciências, contra o dogmatismo moral.

Vários são os métodos da argumentação cética. Não cabe aqui expô-los. Lembremos apenas que importante entre eles é o que consiste em mostrar como se pode relativizar as proposições dogmáticas, mostrando como exprimem pontos de vista próprios a condições, situações, estados particulares, como se associam a particulares hábitos, costumes, tradições⁽²⁾. Não menos conspícua é a prática cética de sempre manifestar o caráter antinômico da razão especulativa, capaz de engendrar discursos contraditórios igualmente persuasivos a respeito de cada um dos temas sobre que ela se debruça. Sexto Empírico insistiu repetidamente sobre o uso cético da dialética das antinomias (cf. H.P. I, 8-10; 12, 18, 31 etc.), apropriando-se da tradição protagórica e das práticas argumentativas de Arcésilas e Carnéades. Lembrou com alguma freqüência que os argumentos opostos dialeticamente pelos cétricos às diferentes doutrinas de fato valem tanto, ou tão pouco, quanto os argumentos positivos das doutrinas adversárias (cf. H.P. II, 79; A.M. VII, 443; VIII, 159 etc.).

A descoberta e constatação desse estado de coisas é responsável pela suspensão cética do juízo. Que não é algo que o cético faz, mas antes um estado em que ele acaba por encontrar-se, após investigação longa e aprofundada. O estado de *não* poder fazer opções especulativas justificadas, de *não* poder assentir às proposições e teses doutrinárias (cf. H.P. I, 10, 196; A.M. VII, 157). Nesse sentido falei de uma face *dialética e negativa* do ce-

ticismo, que exprime seu confronto com a especulação filosófica sobre o Absoluto. O exercício dialético da razão teórica conduz o cético tão-somente à *epokhé*. O cético não opta pelo ceticismo, ele não se faz cético, *ele é feito cético* por sua investigação. Proclamar a *epokhé* é contar como se não sucumbiu à tentação do pensamento absolutista. É relatar a ouvintes ou leitores o resultado, ainda que negativo e sempre provisório, de sua experiência da filosofia especulativa.

Essa experiência é uma experiência de dessacralização do *lógos*. O filósofo não se reconhece como oráculo do divino. Mostrar que não se logra coincidir pelo pensamento com as coisas em si mesmas, descobrir o caráter antinômico da razão teórica é, de fato, humanizar o *lógos*, reconhecê-lo como artefacto nosso, ao mesmo tempo que se adquire plena consciência de seu prodigioso potencial argumentativo. O cético revela a natureza eminentemente retórica do discurso filosófico. Abandona-se a pretensão de possuir a perspectiva de Deus sobre o mundo, a perspectiva desde lugar nenhum se torna impensável.

Que é, então, conforme aquela primeira face do pirronismo, o filósofo cético? É tão-somente o filósofo que experiencia dialeticamente a inacessibilidade do Absoluto. Essa experiência, aliás, ele a tem somente como um evento empírico de sua biografia intelectual, que ele se compraz em relatar, para a edificação do próximo. Ele confessa nem mesmo saber se se trata apenas de uma inacessibilidade de fato, que testemunha dos limites de nossa razão, ou se o Absoluto não passa de um grande mito, ficção plasmada pelo pensamento filosófico ao longo de sua história, ilusão de transcendência (cf. H.P. II, 70, 222; A.M. VIII, 156-7). E o cético chega a desconfiar de que talvez não faça mesmo nenhum sentido o secular empreendimento de buscá-lo. Talvez o Absoluto não seja mais que um mero produto da engenhosidade verbal dos filósofos dogmáticos. De qualquer modo, uma só e a mesma é a consequência prática: o Absoluto não mais comparecerá no pensamento e linguagem do filósofo, ele não interferirá na visão que o cético tem do mundo nem em sua filosofia prática.

2. Sim, porque, além de sua dimensão negativa e dialética, o ceticismo pirrônico exibe uma face “positiva”, ela diz respeito a uma prática filosófica centrada na experiência do fenômeno. Sexto Empírico, é verdade, desenvolveu substancialmente menos a exploração dessa face do ceticismo, tendo-se demorado bem mais na polêmica antidogmática. Mas de qualquer modo desenvolveu-a parcialmente e nos deu indicações precisas e substanciais sobre ela.

Tendo o juízo sempre suspenso sobre os dogmas da filosofia especulativa, não pode o cético, no entanto, deixar de reconhecer que temos uma experiência-de-mundo, que *epokhé* nenhuma vem afetar. A dogmática grega distinguira entre Ser e Aparecer, entre a Realidade que a filosofia se dá como tarefa em si mesma apreender e aquilo que nos aparece e que mais diretamente experienciamos. Diferentes foram as tematizações dogmáticas da relação entre o Ser e o Aparecer. Este é dito manifestar o Ser, ou ocultá-lo; participar do Ser ou ser mera ilusão; ser ponto de partida para nosso conhecimento do Ser, ou ser tão-somente obstáculo a ser removido para que tal conhecimento se nos torne possível. O cético, nós o sabemos, questiona o pretense conhecimento do Ser e seu vocabulário metafísico, vê-o como matéria de indecível controvérsia e sobre esta confessa nada ter a dizer. Mas não pode não ter a experiência do que aparece, o *phainómenon*, que filosofia nenhuma, aliás, põe em causa. O que aparece se lhe dá de modo irrecusável, num *páthos* que ele pode apenas relatar (cf. H.P. I, 13, 15, 19, 22, 197).

O fenômeno recobre toda a esfera do sensível e do inteligível, envolve conteúdos proposicionais. Exemplos talvez sejam aqui mais elucidativos (cf. A.M. VII, 336; VIII, 362-3; H.P. I, 4, 15, 190-1, 197, 208 etc.). O cético dirá, por exemplo, que lhe aparece que os filósofos dogmáticos se pretendem capazes de exprimir no discurso a realidade mesma e em si das coisas; ou que lhe aparece que há uma controvérsia indecível sobre a noção de critério. Isto é, é fenômeno para o cético que os dogmáticos..., que há uma controvérsia... Se me demoro um pouco aqui, é porque esse uso do termo “fenômeno” não tem paralelo no vocabulário da filosofia moderna ou contemporânea. Por isso, se não nos apercebemos da especificidade do uso e

significado pirrônico do termo, um dos mais básicos no jargão do pirronismo, corremos sério risco de nada entender de sua postura filosófica.

Por outro lado, uma segunda observação importante se faz aqui necessária, que também concerne ao vocabulário cético e que complementa aquela primeira. O cético jamais pretendeu que sua postura filosófica fosse indissociável de tal ou qual das formulações lingüísticas de que ele se serve. Muito ao contrário, Sexto insiste em que o cético está sempre disposto a reformular suas proposições, modificar sua linguagem (cf. H.P. I, 191, 195, 207), sempre que isso se faça necessário para a boa compreensão de sua mensagem ou para evitar falácias puramente verbais em que os dogmáticos tentem eventualmente enredá-lo. Eis por que me permito dizer que o pirrônico de nossos dias não tem a obrigação de preservar a todo custo tal ou qual formulação antiga, no limite nem mesmo tem de privilegiar, como se fosse intocável, o mesmo vocabulário do aparecer. De fato, não vejo por que abandoná-lo. Entretanto, por certo desde que a significação originária da doutrina se preserve, até isso poderá fazer-se, se porventura a adequação desta doutrina aos hábitos lingüísticos da filosofia contemporânea assim o exigir, para que se possa lograr uma inteligência melhor de seu discurso.

Voltemos ao fenomenismo cético. Servindo-me do vocabulário filosófico contemporâneo, digo que a fenomenicidade que o cético confessa não ter como recusar é o que se pode chamar de uma *experiência-de-mundo*. Se deixamos de lado as controvérsias da razão absolutista, resta-nos sempre – e isso não podemos negar ou recusar – que nos aparece que coisas e eventos *estão aí*, que nos envolvem e que neles estamos mergulhados. Isso é o *mundo*. E essa experiência-de-mundo se acompanha de uma *visão-de-mundo* (alguns preferirão falar em *teoria-de-mundo*, evitarei o termo, porque temeroso de suas conotações possivelmente dogmáticas), de um discurso que diz aquela experiência e que, aliás, não conseguimos dela inteiramente distinguir. As filosofias especulativas nos oferecem uma explicação, uma interpretação dessa experiência-de-mundo. O cético *crê* nesta experiência, mas isto quer apenas dizer que ele não pode não reconhecer que a experiência. Mas o cético, nós o vimos, tem o juízo suspenso sobre aquelas explicações e interpretações. Ele experiencia o fenômeno e nos conta seu *páthos*, ele não inter-

preta filosoficamente o fenômeno, como o fazem os dogmáticos (cf. H.P. I, 19-20; A.M. VIII, 357 e ss.). Nesse sentido, a irrecusável experiência fenomênica não se justifica filosoficamente, nem vemos como poderia justificar-se, a partir das categorias do Absoluto.

Não se vê como justificar e também não se vê como consistentemente tematizar o mundo fenomênico a partir dessas categorias. O pirrônico não identificará fenômeno e representação, nem proporá uma forma qualquer de fenomenalismo. Não falará de dados imediatos dos sentidos ou da consciência. Não confundirá o mundo fenomênico com o *lógos*, não dirá que sua experiência-de-mundo é *apenas* uma visão-de-mundo ou uma teoria sobre o mundo. O idealismo não o tentará, mas tampouco o tentará uma metafísica realista. Dos fenômenos, não dirá que *são*, no sentido forte e metafísico da palavra, mas apenas que aparecem (cf. A.M. VIII, 368). Seu fenomenismo, di-lo-á metafísica e epistemologicamente neutro. Tudo isso é manifesto e óbvio, já que estamos em *epokhé*, mas dizer o óbvio é sempre bom, quando fazemos filosofia.

O discurso do cético conta o fenômeno. O cético insiste em deixar manifesto como seu discurso se distingue do discurso dogmático. Este põe e instaura, por assim dizer, o Real (cf. H.P. I, 14-5). É um discurso *itético*, que se propõe a ir além do *mero* fenômeno, ele se apresenta como veículo da transcendência, ele se propõe de certo modo a exprimir algo como uma intuição do Absoluto. O discurso fenomênico do cético não se aventura nunca para além do fenômeno, não se pretende jamais transcendente. Ele é o discurso do mundo, do *nosso* mundo. Em *epokhé*, o mundo dos fenômenos é, na prática, para nós, o mundo *todo*. Não conhecemos outro. E desistimos de tentar dele sair.

Tocamos aqui num ponto que eu considero absolutamente fundamental para a compreensão do ceticismo pirrônico. Porque aquilo que espontaneamente nos aparece e nos é dado em nossa experiência desassistida de dogmas e de especulações filosóficas é, insiste o pirronismo, um mundo físico e humano, isto é, um mundo de que fazemos parte com outros seres humanos, um mundo de que temos uma experiência comum. Se abandonamos os artifícios do pensamento especulativo e nos voltamos tão-somente para

nossa experiência, por assim dizer, não-filosófica, o que temos é a vida cotidiana e comum em que estamos mergulhados. Deixado o dogma de lado, somente tenho o mundo da vida, o mundo dos homens, sou apenas um destes. E uns com os outros nos comunicamos sobretudo pela linguagem e falamos do mundo. A experiência do mundo se faz intersubjetiva. O fenômeno cético não alenta nenhum solipsismo, nem mesmo metodológico. Nem se abre espaço para um Sujeito, somente para o ser humano no mundo. Sexto dizia que falar do fenômeno é falar de uma experiência *humana* (cf. H.P. I, 203). Donde o caráter central, na doutrina cética do fenômeno⁽³⁾ da noção de *vida comum* (*koinòs bíos*) (cf. I, 237). Não me apareço como substância pensante, mas como um *zôon* em meio à vida comum, um *zôon politikón*, como dizia o sábio de Estágira. O cético passa espontaneamente do “aparece-me que” ao “aparece-nos que”. A consciência do “nós” é, digamos assim, imediatamente vivida na experiência do fenômeno.

O cético vive, seguindo o fenômeno, a vida comum (cf. H.P. I, 23, 231; II, 246) em que se reconhece inserido. Como o comum dos homens, ele se serve de seus sentidos e inteligência, obedece a instintos e paixões, se pauta por tradições e costumes, se serve dos ensinamentos das artes e técnicas. Tal é a orientação de sua natureza humana, o cético pirrônico não se furta ao uso não-dogmático do termo “natureza”. O cético pratica adogmaticamente (*adoxástos*) a observância não-filosófica da vida comum (cf. A.M. XI, 165-6). E, se a filosofia dogmática investe contra a vida comum, se tenta contestá-la, ou substituir-se a ela, ela encontrará o cético militando ao lado da vida comum, fazendo-se desta o advogado (cf. A.M. VIII, 157-8; H.P. II, 102). Ser pirrônico é conferir o primado à vida comum, diante de eventuais investidas da filosofia. Relembrando com bom humor as falácias dos dialéticos, Sexto ri-se deles e invoca contra elas o senso comum e a sabedoria prática dos homens da *tékhnē* (cf. H.P. II, 236 e ss.). Menciona com simpatia e de modo algo gaiato o procedimento das pessoas comuns que, ante o questionamento filosófico da realidade do movimento ou da geração, continuam tranqüilamente a caminhar e a fazer filhos.

Tendo questionado as formas dogmáticas do saber em seus vários domínios, tendo o juízo suspenso sobre toda *epistémē*, o cético pode fazer a

apologia das *tékhnai*, de que são exemplos, entre outros, a medicina, a agricultura, a astronomia empírica. As *tékhnai* não se preocupam com o Real das filosofias dogmáticas, elas lidam com os fenômenos, que elas observam e sistematizam, procurando detectar suas regularidades e encadeamentos (cf. A.M. VIII, 291). Sobre tal base apoiadas, eles constroem suas previsões e produzem seus ensinamentos, visando o que é útil e benéfico para os homens. E, Sexto, que era médico e ligado à assim chamada Medicina Metódica, uma das ramificações do movimento da Medicina Empírica grega de sua época, não hesita em comparar a prática filosófica do ceticismo à metodologia empírica da medicina (cf. H.P. I, 236-41). Vemos, assim, como o ceticismo substitui coerentemente o pretense saber teórico pelo saber da experiência, pela *empeiria*. Não temos mais uma Realidade a conhecer (demos, na prática, nosso adeus a esse mito), o que temos é um mundo experienciado com o qual precisamos lidar: diante dele e de seus desafios, não podemos permanecer inativos (cf. H.P. I, 23, 226-7; A.M. VII, 29-30).

Tendo em mente essa valorização da *empiria* – perdoe-se-me o neologismo – e o primado que esta necessariamente assume na visão cética do mundo, podemos, parece-me, falar de um *empirismo* cético. Pois o cético não vê como poderia a razão consistentemente aventurar-se além da *empiria* e transcendê-la, ele chama precisamente de dogmáticas as aventuras verbais que desastrosamente tentam operacionalizar uma tal transcendência. Todo o nosso saber é saber do fenômeno, isto é, é saber empírico, *empiria*. Esta se descobre como a necessária referência de todo discurso cognitivo. Mas se trata de um empirismo sem dogmas. Pôr em xeque a razão dogmática e privilegiar a *empiria* são as duas faces de uma mesma moeda.

Reconhecer o primado da vida, substituir o pretense saber da *epistème* pelo saber da experiência é privilegiar a ação sobre a teoria. Ou melhor, tratar o produzir teoria como uma forma particular de ação, como uma prática teórica. Sexto diz textualmente: o fenômeno não é critério de verdade ou realidade, o fenômeno é critério de ação (cf. H.P. I, 21; A.M. VII, 29-30). No mundo fenomênico, somente há lugar para a razão prática. Ceticismo é nome que se dá a uma prática filosófica. Tematizando o discurso do cético, Sexto nos diz (cf. H.P. I, 17) que ele, de um lado, é discurso que nos capacita para

a *epokhé*, de outro é discurso que nos mostra como parecer viver corretamente, no sentido lato dessa expressão. De um lado, é o instrumento dialético de questionamento do dogmatismo, de outro, é instrumento prático a serviço de uma vida melhor. De um lado, trata-se de libertar o homem da alienação dogmática; de outro, de voltar-se o homem para o homem, isto é, de pôr-se a serviço de si próprio.

Poder-se-ia aqui perguntar se se trata do homem-indivíduo ou do homem-espécie. O que o filósofo cético nos expõe sobre a vida comum, sobre as *tékhnai* e a proximidade entre elas e o ceticismo, me parece fortemente sugerir que se trata *também* da espécie humana. Lembremos os termos em que Sexto comenta a insistência cética na argumentação antidogmática: “O cético, por amar a humanidade, quer curar pelo discurso, na medida de suas forças, a presunção e a precipitação dos dogmáticos” (H.P. III, 280). Não encontramos no texto nenhuma justificação do amor cético pela humanidade. Tudo se passa, parece-me, como se o filósofo que amava o Absoluto e suas categorias, que buscava os universais da filosofia especulativa, após a *epokhé* tivesse sido levado, em decorrência de sua mesma vocação e impulso filosófico, a espontaneamente dirigir seu olhar omniabrangente e totalizador de filósofo para o novo universo da filosofia, para a vida humana em sua totalidade, a raça humana inteira. A razão filosófica continua a ocupar-se de tudo. Mas tudo agora é o mundo dos homens.

Tendo adquirido a consciência de seus limites, de sua incapacidade de mover-se consistentemente no imaginário reino do absoluto, tendo desistido de suas inclinações metafísicas, a razão humana reencontra seu lugar no interior do mundo fenomênico, se reconhece escrava não das paixões, mas da vida; descobre, enfim, que sua autêntica vocação é a de orientar a utilização do mundo da experiência para o bem dos homens⁽⁴⁾. Tal parece ser a necessária consequência da vivência cética da *epokhé*.

Um último tópico parece-me necessário sucintamente abordar, nesta tentativa de figurar, com algumas poucas pinceladas, a dimensão positiva do pirronismo. É o fato de o pirronismo trazer todas as filosofias de volta para o espaço da vida comum. Porque o cético entende que, em que pese à letra e

à intenção de seus discursos, é neste espaço que elas se digladiam, na praça quiniana do mercado. O cético as situa no cenário da vida cotidiana, sob o prisma desta as aprecia e as relativiza. As filosofias dogmáticas, também elas, são coisas de homem, artefactos humanos produzidos, ao que tudo parece indicar, por uma prática teórica alienada. O registro tético do discurso não parece ser mais que o efeito de um sonho desejoso. Eis por que um pirrônico contemporâneo somente pode ver com bons olhos os estudos rigorosos e sérios que, sob um prisma antropológico e socioeconômico, se propõem a fazer-nos conhecer o processo de produção das teorias filosóficas dogmáticas, a manifestar-nos sua natureza ideológica.

Também o ceticismo, obviamente, é tão-somente um episódio, que aqui e ali se repete, da vida intelectual de seres humanos. Sua oposição ao dogmatismo e suas propostas positivas são eventos históricos contingentes, como é o caso, segundo o cético, com todas as filosofias. O discurso cético se autotematiza, como todo discurso filosófico sério deve fazer. Reconhece seu caráter eminentemente confessional. É um contar aos outros uma experiência fenomênica, sugerindo que se faça uma experiência semelhante, a qual eventualmente levará a semelhantes resultados. O ceticismo proclama tranqüilamente sua própria precariedade e contingência, que é a própria precariedade e contingência de todo discurso, no final das contas a própria precariedade e contingência da razão e de tudo que é humano. O cético é coerentemente cético com relação a seu mesmo ceticismo.

E o neopirrônico dirá que à filosofia cética positiva compete explorar sob um prisma mais amplo e mais geral o mundo fenomênico de que as *tékhnai* – ou as ciências, vamos assim chamá-las, já que as *epistêmai* foram exorcizadas – se ocupam sob prismas mais restritos. Não há por que nem como introduzir distinções de essência entre as várias manifestações do saber humano. A visão filosófica cética do mundo não é mais que um saber empírico geral em permanente construção, evolução e aperfeiçoamento. Felizmente condenada a continuamente autocorrigir-se. O que agora nos aparece talvez não apareça depois, outras coisas virão a aparecer-nos de que agora não podemos sequer suspeitar.

Que é, então, conforme aquela segunda face do pirronismo, o filósofo cético? É o filósofo que, conduzido à suspensão de juízo sobre os discursos da filosofia especulativa, descobre no espaço do fenômeno e da vida comum o lugar da prática filosófica. Vive a experiência do mundo e constrói e aperfeiçoa sua visão do mundo a partir dos recursos que lhe fornece essa experiência, vê-se obrigado a conferir à ação o primado que antes conferia à razão puramente teórica, substitui a *epistème* pela *tékhnè*, se reconhece como membro de um “nós” que se estende a toda a raça dos homens, fazendo de seu discurso um instrumento a serviço do que é útil e bom para a humanidade. E entende toda essa orientação prática de seu pensamento como o corolário, por assim dizer, natural da atitude suspensiva que resultou de seu confronto com a razão dogmática. As duas faces do pirronismo assim se completam e se complementam.

3. Fiel à postura básica do pirronismo grego, é isso o que eu entendo por ceticismo. E é fácil dar-se conta de que estamos bem longe do ceticismo moderno. E a distância ainda muito maior das bobices que se associam à conotação do termo “cético” no folclore intelectual do senso comum “filosófico” de nosso tempo. Mas não percamos nosso tempo com elas. Digamos apenas que o ceticismo moderno tem alguma culpa na disseminação dessas tolices.

O que cabe antes realçar é o caráter moderno e contemporâneo da postura filosófica do pirronismo. Servi-me acima de palavras modernas, é certo, mas as idéias são antigas, remontam aos fins do helenismo. Parte muito considerável do que expus é autenticamente pirrônico e grego, mesmo se apresentado sob roupagens novas. Uma pequena parte é neopirrônica, digamos assim, mas é o que resulta de modo quase necessário daquela postura, quando defrontada com os desafios próprios à nossa atual problemática filosófica. Espero ter deixado isso razoavelmente claro.

Algo que me parece, então, saltar aos olhos é o caráter eminentemente cético de uma parte considerável do pensamento filosófico do século XX. Porque, como sabemos, boa parte deste é extremamente desconfiado com relação ao Absoluto e ao que considera seus pseudoproblemas, em verdade

é mesmo decididamente e às vezes enfaticamente antiabsolutista. Para alguns autores e movimentos de idéias, é tão tranqüila e natural essa postura que nem mesmo se julga dever perder tempo combatendo doutrinas que o pirronismo chamaria de dogmáticas. Para eles, tudo se passa como se a filosofia séria já tivesse superado essa fase, podendo agora instalar-se despreocupadamente no espaço a que acima chamei de mundo do fenômeno e da *empíria*. Recusam-se dogmatismos metafísicos, científicos, epistemológicos, morais. Relativizam-se, por exemplo, a noção de conhecimento e a de moral, introduzem-se concepções falibilistas, convencionalistas, instrumentalistas, “naturaliza-se” a epistemologia. Ou se confere a primazia à filosofia da ação, define-se uma concepção pragmática da razão, põe-se ênfase na intersubjetividade, privilegia-se a linguagem ordinária, ou a idéia de comunicação etc. Orientações essas por certo muito diferentes umas das outras, freqüentemente em muitos e importantes pontos umas com as outras conflitantes, mas que se apresentam todas explícita ou implicitamente como formas de pensamento que se constroem sobre as ruínas da filosofia especulativa.

É certo que essas filosofias não se servem do vocabulário pirrônico. Mas eu enfatizei acima a liberdade que o cético se permite em suas formulações lingüísticas, nenhuma das quais é para ele sacrossanta. De inúmeras e muito diferentes maneiras se pode exprimir a postura cética, que não está amarrada a nenhum jogo de linguagem particular. Compreender esse ponto é, aliás, condição necessária para que se entenda adequadamente em que consiste o pirronismo. Direi, pois, que é “pirronizante” a orientação básica daqueles movimentos filosóficos, que aquelas doutrinas estão, em grau maior ou menor, próximas ao ceticismo pirrônico, direi mesmo que são pirrônicas muitas de suas propostas positivas (ainda que não todas, é claro). Não é, por certo, o caso de desenvolver aqui aspectos particulares dos diferentes parentescos que aproximam tais doutrinas do ceticismo⁽⁵⁾. Acredito, no entanto, que a imagem do cético que acima desenhei sugere fortemente esses parentescos.

Mas, de qualquer modo, sabemos todos que essas várias doutrinas *não* se consideram céticas, que muito freqüentemente seus autores criticam bas-

tante explicitamente o ceticismo. É fácil explicar a origem dessas profissões de fé contra o ceticismo. O que essas doutrinas têm em vista, na maioria dos casos, é o ceticismo moderno, nascido direta ou indiretamente da *Primeira meditação* de Descartes. Ou então, aquelas figurações simplistas e muitas vezes caricatas do filósofo cético a que acima me referi. O ceticismo pirrônico foi, de um modo geral, secularmente ignorado até algumas décadas atrás, quando muitos pesquisadores, em diferentes países, se puseram a estudá-lo e a resgatar o autêntico significado histórico de sua filosofia. Excelentes progressos se têm feito nesse campo, mas eles não são ainda suficientemente difundidos de modo a permitir a generalização, no meio filosófico, de uma nova maneira (isto é, daquela maneira muito antiga e grega...) de entender o ceticismo. Assim, o ceticismo que se combate não é, de fato, o pirronismo, o qual simplesmente se ignora. Há razões para crer que esse estado de coisas está começando a mudar.

Como explicar, porém, que filosofias tão “céticas” estejam tão presentes no cenário da filosofia contemporânea, malgrado essa ignorância histórica a respeito do pirronismo? Explicar esse fato somente por uma influência, mesmo indireta, do pirronismo histórico parece insuficiente. É indubitável que a influência difusa da chamada crise pirrônica do Renascimento assim como a influência importante, esta direta, da tradição cética humiana sobre o pensamento moderno e contemporâneo tiveram suas conseqüências e produziram seus frutos. Ainda que não conhecesse diretamente o pirronismo e mesmo o criticasse, o pensamento de Hume tem, como já se mostrou⁽⁶⁾, um forte conteúdo pirrônico e ele marcou profundamente a filosofia posterior. Mas tais influências não explicam tudo e dizem respeito tão-somente a certos aspectos do pirronismo.

Parece-me que a explicação da disseminação inegável de uma atitude pirrônica no pensamento contemporâneo tem uma explicação mais fácil e mais simples, também mais verossímil. É que o pirronismo não é um conjunto de dogmas nem uma estrutura conceitual sistemática, ao contrário do que é o caso com um grande número de filosofias. É antes, como acima tentei delinear, uma postura crítica e suspensiva diante da razão especulativa, que se complementa por uma prática filosófica inteiramente orientada para

as coisas da vida. Tal postura e tal prática não exigem nenhuma formulação lingüística especializada, nenhum jargão particular. Seu efetivo exercício pode concretizar-se de diferentes maneiras, assumir diferentes feições. Pode, portanto, dar origem a distintos movimentos de idéias, todos comungando de uma mesma orientação básica, comportando porém diferenças grandes, seja nos detalhes da investigação dos tópicos estudados, seja mesmo na própria escolha deles e na ênfase posta nuns ou noutros dentre eles. Em outras palavras, onde quer que a filosofia venha a exercer uma postura crítica mais rigorosa e, em decorrência dela, se disponha a deixar de lado os fantasmas do Absoluto e a voltar-se inteiramente para a vida dos homens, sejam quais forem os fatores que a isso a tenham impulsionado – razões histórico-filosóficas, valores culturais, influências da metodologia das ciências da natureza, resultados obtidos pelas ciências sociais e humanas, decisivos condicionamentos sócio-histórico-econômicos –, aí está sempre ressurgindo, natural e espontaneamente, o pensamento cético.

Pois este, no final das contas, não é mais que a necessária consequência do exercício da *razão crítica*, levado até suas últimas consequências. Por isso mesmo, julgo caber afirmar que o ceticismo se faz o representante mais autêntico, o legatário mais fiel da proposta mais fundamental e mais básica da filosofia do Ocidente. E fica também manifesto que o ceticismo é totalmente incompatível com toda e qualquer forma de irracionalismo.

4. Perguntaram-me uma vez por que insisto em falar do ceticismo pirrônico e em tentar mostrar a postura pirrônica de boa parte do pensamento filosófico contemporâneo, como acima fiz, se eu mesmo reconheço que o pirronismo, tal como o entendo, é uma forma de pensamento que espontaneamente ressurgem em determinadas situações e momentos, independentemente do uso do vocabulário pirrônico originário, de qualquer influência direta, ou mesmo indireta, do pirronismo histórico e independentemente, também, do conhecimento de que se está de fato repetindo uma atitude filosófica que pela vez primeira apareceu nos tempos do helenismo. Se assim é, a pergunta sugeria, não haveria maior interesse em lembrar algo que nada de novo acrescentaria à problemática filosófica de nosso tempo. A pergunta

parece-me manifestamente impertinente. Se me resolvo a explicitamente a ela responder, é porque fazê-lo me fornece a ocasião de acrescentar algumas observações que julgo importantes acerca do pirronismo e de sua relação com a filosofia contemporânea.

Em primeiro lugar, consideremos a perspectiva histórico-filosófica. É obviamente importante e reconhecidamente fundamental para quem faz filosofia o debruçar-se sobre sua história, compreender a problemática das filosofias do passado e aprender com elas para alimentar e enriquecer o nosso pensamento de hoje. Nesse sentido, todo estudo que aperfeiçoa nosso conhecimento daquelas filosofias é oportuno e bem-vindo, por razões que vão bem além do interesse meramente histórico, que em si mesmo já é certamente digno da maior consideração. No que concerne particularmente ao pirronismo, uma reavaliação correta de seu significado abrangente e de suas dimensões filosóficas maiores é não somente pertinente, mas um evidente ato de justiça historiográfica, dada a extraordinária ignorância de que, por causas diversas, ele foi secularmente vítima. E essa reavaliação pode ser fecunda para a reflexão filosófica atual, se estou certo ao apontar sua estreita afinidade, sob muitos e diferentes aspectos, com influentes movimentos filosóficos de nossos dias.

Em verdade, o interesse de uma releitura da filosofia pirrônica me parece particularmente importante. Porque essa releitura lança luz não somente sobre uma dentre outras manifestações do helenismo, mas, num certo sentido, sobre a filosofia grega como um todo. Se a interpretação que propomos é correta – estou, é claro, convencido de que ela o é –, o pirronismo constituiu uma revolução radical no pensamento antigo e seu ponto culminante. Em verdade, isso nos convida a uma perspectiva inteiramente nova sobre toda a história da filosofia, nos sugere que a pensemos como um eterno embate entre duas formas antagônicas e irreconciliáveis do filosofar: de um lado, a dogmática, que nos quer fazer adentrar o reino do Absoluto, e, de outro lado, a cética, que rejeita a primeira e nos quer voltados sobre nós mesmos, nossa vida comum e nossos interesses mundanos. De um lado, a razão especulativa, de outro, a racionalidade crítica. De um lado, o ponto de vista dos deuses, de outro, o ponto de vista humano, simplesmente humano. Ouso

dizer que a oposição conceitual dogmatismo *versus* ceticismo nos fornece as categorias mais básicas para a reflexão da filosofia sobre si mesma e sobre sua história. E ela nos enseja um esquema particularmente adequado para pensar o movimento das idéias filosóficas no século XX.

Faltou ao pirronismo um pensador do quilate de um Carnéades, Sexto foi certamente um filósofo menor, não foi capaz de explorar o tesouro conceitual que tinha em mãos. E a barbárie logo se abateu sobre o Império Romano, com as nefastas conseqüências que se conhecem para a vida do pensamento. Sabemos quantos séculos foram necessários para que o pensamento grego pudesse finalmente de verdade renascer. A Antiguidade grega não teve o tempo necessário para desenvolver e explorar suas últimas conquistas filosóficas.

Em segundo lugar, restabelecer plenamente o significado antigo originário do termo “ceticismo” me parece importante porque isso nos permite melhor detectar o caráter de fato dogmático da maioria das manifestações do assim chamado ceticismo moderno. Sexto insistiu em distinguir o ceticismo de qualquer negativismo epistemológico (cf. H.P. I, 1-4, 226), e o ceticismo moderno é epistemologicamente negativista. Além de, no mais das vezes, privilegiar decididamente a subjetividade. Esse negativismo epistemológico e esse subjetivismo dissimulam mal uma postura dogmática que, obviamente, não se reconhece como tal. Não somente se é por vezes cético sem saber, por vezes é-se também dogmático sem querer. Isso torna o chamado ceticismo moderno algo incoerente e bastante vulnerável às objeções dos adversários. E acarreta inevitáveis confusões sobre a própria noção de ceticismo. O ceticismo moderno obscureceu e obscurece ainda a compreensão do ceticismo grego.

Mas há outro ponto talvez mais importante que esse e que diz respeito precisamente aos desenvolvimentos “céticos” daquela parte considerável da filosofia contemporânea de que acima falei, que é cética sem saber. Justamente porque neles não está presente uma autoconsciência cética, são também eles freqüentemente impregnados de dogmatismo. Por isso mesmo, falta-lhes, por vezes, uma certa consistência que somente uma visão pirrônica de conjunto pode conferir-lhes. Essa mesma visão de conjunto tenderá, aliás,

a tornar possíveis a coordenação e a eventual compatibilização de tendências e pontos de vista aparentemente dispersos que nesses diversos desenvolvimentos “céticos” se manifestam. Por outro lado, o pirronismo tem tudo a ganhar com a exploração filosófica da natureza “cética” desses movimentos. Todo um arsenal de problemas, pontos de vista, conceitos, argumentos e formas de expressão lingüística se põe à sua disposição e lhe proporciona material considerável para um fecundo enriquecimento doutrinário. Proporciona-lhe também úteis instrumentos para um necessário *aggiornamento*, com que melhor enfrentará os desafios do mundo filosófico contemporâneo.

Antes de terminar, uma pequena digressão. Somente para lembrar que o próprio pirrônico não se pretende vacinado contra toda forma de dogmatismo. Ele reconhece que parte do que lhe aparece pode estar impregnada por um dogmatismo dissimulado e oculto. Crenças de aparência inocentemente fenomênica parecem impor-se à sua aceitação espontânea, as quais no entanto não passam de vestígios de formas de pensamento dogmático disseminadas de modo difuso no senso comum e a ele incorporadas. A tarefa cética de “desdogmatização” do discurso nunca se pode dar por definitivamente concluída. Os pirrônicos antigos dedicaram muita energia ao desenvolvimento de uma dialética capaz de questionar o dogmatismo aberto das doutrinas filosóficas. Parece-me que um pirrônico contemporâneo poderia, antes, dedicar mais atenção à detecção dos dogmas escondidos. Escondidos nos discursos dos outros e, talvez, em seu próprio discurso. Estes dogmas são bem mais traiçoeiros. Sexto já advertira que tão enganador é o *lógos*, que ele quase arrebatava os próprios fenômenos de sob nossos olhos (cf. H.P. I, 20).

E uma observação derradeira. Acabo de falar de dogmas camuflados. Mas devo advertir que isso nada tem a ver com certos usos comuns e expressivos da linguagem cotidiana de que todos os filósofos se servem e, como eles, também os pirrônicos, usos esses que eventualmente poderiam sugerir dogmatismo, particularmente a ouvintes ou leitores rabugentos. É costumeiro, na linguagem cotidiana, proferirmos sentenças tais como “É evidente que...”, “Estou certo de que...”, “Em verdade, podemos dizer...” etc. São formulações lingüísticas enfaticamente assertivas, daquela ênfase assertiva própria ao adequado comportamento verbal das pessoas em face das necessida-

des do dia-a-dia. Mas é totalmente impertinente interpretar essas expressões como instâncias de uma postura absolutista, isto é, como dogmáticas no sentido pirrônico deste termo. Sigamos aqui o exemplo de Hume (cf. *Treatise*, p. 274)⁽⁷⁾. Expliquemos de uma vez por todas que nos servimos de tais expressões pela força do hábito e lembremos que, com um mínimo de esforço, qualquer leitor será capaz de parafraseá-las de modo adequado numa linguagem mais rigorosa, em que fique claro o caráter não-dogmático do que estamos dizendo. Não temos de ficar a policiar-nos sem necessidade o tempo todo, para dar satisfação àquelas rabugices.

Concluo. O conflito entre o dogmatismo e o ceticismo nos apareceu acima como a vida mesma da filosofia. O dogmatismo sempre renasce, tal como seu incansável adversário, sob mil e distintas formas e roupagens. Nada nos faz esperar que esse confronto venha a ter um fim. A razão crítica não poderá jamais ensarilhar suas armas. Eis por que se terá de repetir a cada momento que ainda é preciso ser cético.

Abstract: In its first part and using contemporary philosophical language, this paper delineates the basic outline of skeptical philosophy according to ancient Pyrrhonism, both in its negative, antidogmatic dialectic face, and its positive one, as a philosophy of daily, practical life. The second part is consecrated to stress the close proximity of Pyrrhonism to contemporary trends of philosophical thought and to make evident the permanent interest of remembering again Greek skepticism.

Key-words: dogmatism – phenomenon – negative dialectics – Pyrrhonism – daily life

Notas

- (1) *Conforme a praxe, uso as siglas "H.P." e "A.M.", respectivamente, para as Hipotiposes pirronianas e os Adversus mathematicos de Sexto Empírico. Sirvo-me, como edição de referência, dos quatro volumes da obra de Sexto na Loeb Classical Library: Sextus Empiricus, Harvard University Press, Cambridge (MA) e William Heinemann (Londres), 1976.*
- (2) *Os dez tropos de Enesidemo, de que Sexto se ocupa longamente no Livro I das Hipotiposes (cf. 36-163), lidam com os vários aspectos sob os quais se pode relativizar uma asserção. Sexto diz explicitamente que todos esses tropos subordinam-se ao da relação (cf. I, 39).*
- (3) *Sexto resgata um sentido não-dogmático para o termo "doutrina" (cf. H.P. I, 16-7).*
- (4) *Tudo quanto vimos sobre o direcionamento da prática e do discurso céuticos para o que é bom e útil para o homem indica uma razoável afinidade entre o pirronismo e o pragmatismo filosófico do século XX. Devo ao prof. Paulo Margutti o ter-me chamado a atenção, anos atrás, para esse ponto.*
- (5) *Julgo do maior interesse que se proceda a tais estudos. Tanto o pirronismo como as doutrinas "céuticas" contemporâneas teriam muito a ganhar com eles, ganhariam bom esclarecimento muitas idéias filosóficas de nosso tempo.*
- (6) *Plinio Smith elaborou bem esse ponto (Smith 3, p. 267 e ss.).*
- (7) *Cito A treatise of human nature de Hume conforme a edição da Clarendon Press (Hume 1).*

Referências Bibliográficas

1. HUME, D. *A treatise of human nature*. Ed. clássica de L.A. Selby-Bidge, revista por P.H. Nidditch. Oxford, Clarendon, 1992.
2. SEXTO EMPÍRICO. *Sextus Empiricus*. 4 vols. Loeb Classical Library. Cambridge (MA)/Londres, Harvard University Press/William Heine-
mann, 1976.
3. SMITH, P. *O ceticismo de Hume*. São Paulo, Loyola, 1995.